



GOIABRA: O ARRANJO URBANO-REGIONAL GOIÂNIA-ANÁPOLIS-BRASÍLIA

GOIABRA: THE GOIÂNIA-ANÁPOLIS-BRASÍLIA URBAN-REGIONAL ARRANGEMENT

GOIABRA: EL ARREGLO URBANO-REGIONAL GOIÂNIA-ANÁPOLIS-BRASÍLIA

Rodrigo Marciel Soares Dutra – IFG – Senador Canedo – Goiás – Brasil
rodrigo.dutra.gyn@gmail.com

Adilson Ribeiro de Araújo – UFG – Goiânia – Goiás – Brasil
adilsonaraujo@discente.ufg.br

Murilo Mendonça Oliveira de Souza – UEG – Goiás – Goiás – Brasil
murilosouza@hotmail.com

RESUMO

Um importante arranjo urbano-regional se formou no Planalto Central Brasileiro, cujos núcleos se constituem da capital federal, Brasília, e das duas principais cidades do Estado de Goiás: Goiânia e Anápolis. Nos extremos desse arranjo, as duas cidades de maior relevância do Centro-Oeste. Essa região passou a ser conhecida como Arranjo Urbano-Regional Brasília-Anápolis-Goiânia, ou ainda, Eixo Goiânia-Anápolis-Brasília, entre outras designações, que alteram as posições das cidades. Diante dessa diversidade de terminologia, às vezes, adotada por um mesmo autor para designar essa região, este trabalho objetiva, assim, propor um nome. A referência linguística recai no acrônimo, empregado para designar as regiões compreendidas pelas megalópoles estadunidenses: BosWash, ChiPitts e San-San. E aplicado anteriormente à região do Cariri cearense, quando esta era conhecida por Crajubar, designação constituída pelas iniciais dos nomes das cidade de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Assim, sugere-se o termo GoiABra para designar esse arranjo urbano nucleado por Goiânia, Anápolis e Brasília, que utiliza as iniciais dos nomes das três cidades. Além disso, o termo GoiABra remete às dimensões naturais e culturais do Cerrado, domínio morfoclimático onde está situado o referido arranjo urbano-regional, donde a goiabeira é típica e o fruto bastante consumido por seus habitantes.

Palavras-chave: Região, Nomear, Desenvolvimento Regional; Eixo Goiânia-Anápolis-Brasília.

ABSTRACT

An important urban-regional arrangement was formed in the Brazilian Central Plateau, whose nuclei are constituted by the federal capital, Brasília, and the two main cities of the State of Goiás: Goiânia and Anápolis. At the extremes of this arrangement, the two most relevant cities in the Midwest. This region came to be known as the Brasília-Anápolis-Goiânia Urban-Regional Arrangement, or even the Goiânia-Anápolis-Brasília Axis, among other designations, which changed the positions of the cities. Faced with this diversity of terminology, sometimes adopted by the same author to designate this region, this work aims to propose a name. The linguistic reference lies in the acronym, used to designate the regions comprised by the US megacities: BosWash, ChiPitts and San-San. It was previously applied to the Cariri region of Ceará, when it was known as Crajubar, a designation consisting of the initials of the names of the cities of Crato, Juazeiro do Norte and Barbalha. Thus, the term GoiAbra is suggested to designate this urban arrangement nucleated by Goiânia, Anápolis and Brasília, which uses the initials of the names of the three cities. In addition, the term GoiAbra refers to the natural and cultural dimensions of the Cerrado, the morphoclimatic domain where the aforementioned urban-regional arrangement is located, where the guava tree is typical and the fruit is widely consumed by its inhabitants.

Keywords: Region, Naming, Regional Development; Goiânia-Anápolis-Brasília Axis.

RESUMEN

Un importante arreglo urbano-regional se formó en la Meseta Central Brasileña, cuyos núcleos están constituidos por la capital federal, Brasília, y las dos principales ciudades del Estado de Goiás: Goiânia y Anápolis. En los extremos de este arreglo, las dos ciudades más relevantes del Medio Oeste. Esta región pasó a ser conocida como el Arreglo Urbano-Regional Brasília-Anápolis-Goiânia, o incluso el Eje Goiânia-Anápolis-Brasília, entre otras designaciones, que cambiaron las posiciones de las ciudades. Ante esta diversidad de terminología, a veces adoptada por el mismo autor para designar esta región, este trabajo pretende proponer un nombre. La referencia lingüística se encuentra en las siglas, utilizadas para designar las regiones que componen las megaciudades estadounidenses: BosWash, ChiPitts y San-San. Anteriormente se aplicaba a la región de Cariri de Ceará, cuando era conocida como Crajubar, designación formada por las iniciales de los nombres de las ciudades de Crato, Juazeiro do Norte y Barbalha. Así, se sugiere el término GoiAbra para designar este arreglo urbano nucleado por Goiânia, Anápolis y Brasília, que utiliza las iniciales de los nombres de las tres ciudades. Además, el término GoiAbra se refiere a las dimensiones naturales y culturales del Cerrado, el dominio morfoclimático donde se ubica el mencionado arreglo urbano-regional, donde el guayabo es típico y el fruto es ampliamente consumido por sus habitantes.

Palabras clave: Región, Naming, Desarrollo Regional; Eje Goiânia-Anápolis-Brasília.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem sido discutida a formação de um grande arranjo urbano-regional ou eixo de desenvolvimento no interior do Brasil, que inclui a capital federal, Brasília, a capital do Estado de Goiás, Goiânia, o município de Anápolis, e os

municípios diretamente influenciados por essas localidades (LUZ, 2005; DIAS; CAMPOS, 2010; HADDAD, 2020). Inclusive, conforme evidenciam Araújo et al. (2015), num país onde a significativa parcela da população se concentra no litoral, Brasília e Goiânia são exemplos de centros urbanos dispersos pelo interior do país, que se destacam por concentrar população com densidades demográficas superiores a 54 hab./Km², apresentando dinâmica de alta renda.

Contudo, a composição desse espaço geográfico varia de acordo com os autores pesquisados e o decorrer do tempo. Em geral, representa a somatória da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE-DF e Entorno), da Microrregião de Anápolis (MRA) e da Região Metropolitana de Goiânia (RMG). Portanto, abrange áreas de três Unidades da Federação: Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais.

Outro ponto, um pouco contraditório, refere-se à nomenclatura dada a essa região. Alguns convencionaram chamá-la de “Eixo Brasília-Anápolis-Goiânia” (MOURA; HADDAD, 2015; FERNANDEZ, 2016), enfatizando a capital federal, categorizada como metrópole nacional pela classificação das Regiões de Influência das Cidades (Regic) de 2018 (IBGE, 2020). Outros a chamam de “Eixo Goiânia-Anápolis-Brasília” (LUZ, 2005; HADDAD, 2020); há quem retire Anápolis e resta “Eixo Brasília-Goiânia” (SOBRINHO; SOARES, 2012) ou “Eixo Goiânia-Brasília” (BORBA et al., 2012), destaque para as duas principais cidades que compõem esse aglomerado e são extremos do eixo. Moura (2009) e Moura e Haddad (2017) substituem o conceito de “Eixo”, alterando a denominação dessa região, utilizando o conceito de arranjo urbano-regional e, assim, passam a denominar de Arranjo Urbano-Regional Brasília-Anápolis-Goiânia. Afirmam que aquele espaço passou a ser considerado como um arrojado arranjo urbano-regional que conecta a RMG, a MRA e a RIDE-DF e Entorno. Verificou-se, também, ser comum os autores alternarem os termos em seus trabalhos.

Para este trabalho, será utilizado o conceito de arranjo urbano-regional, por ser capaz de ampliar o entendimento sobre as dinâmicas e articulações existentes entre as redes urbanas e expandir os conhecimentos acerca do desenvolvimento regional. Desta forma, trata-se de um conceito mais abrangente do que o de eixo. De acordo com Moura (2012), arranjos urbanos-regionais são:

[...] unidades concentradoras de população, com relevância econômico-social e infraestrutura científico-tecnológica, com elevada densidade urbana, forte articulação regional e extrema complexidade, devido à multiplicidade de fluxos multidirecionais de pessoas, mercadorias, conhecimento e de relações de poder que perpassam seu interior, participando de modo mais integrado, nos âmbitos estadual, nacional e internacional, como principais elos de inserção nos estágios mais avançados da divisão social do trabalho. Caracterizam-se, fundamentalmente, pela multiplicidade escalar, que é elemento ao mesmo tempo potencial e complexo para o desempenho de ações articuladas, práticas de cooperação e união na busca do desenvolvimento e da solução de problemas comuns. (MOURA, 2012, p. 12).

Diante do imbróglgio onomástico, alguns autores passaram a utilizar uma sigla para dar nome a este aglomerado urbano-regional: o Eixo GAB (FRANÇA; LEITE, 2009; GOMES; VALVA, 2017) formado pelas iniciais das principais cidades inseridas nessa região: Goiânia, Anápolis e Brasília. A Onomástica é ciência dos nomes. Mas por que dar nome às coisas?

A nomeação é uma das questões centrais quando o assunto é a relação entre linguagem e realidade. A nomeação é apenas uma das funções da linguagem que tem um papel muito importante, pois os significados dos nomes organizam e classificam as formas de perceber a realidade, além de estarem ligados diretamente com uma cultura ou comunidade. Um nome não é uma palavra aleatória ou qualquer. Ele sempre quer dizer alguma coisa e sua relação com a significação é complexa. Dizer isso significa que a questão dos nomes e seus significados sempre geraram muita polêmica e inquietação. As propriedades de um nome nem sempre estão postas às claras, o que geralmente cria muita discórdia entre os filósofos e linguistas. Quando pensamos em nome e no que ele significa logo nos vem à cabeça alguma designação. Como se um nome servisse para designar as coisas, pessoas, lugares, etc. Enfim, como se ele servisse para especificar algo que é nomeado. Especificar ou designar algo quer dizer separar alguma coisa para lhe dar destaque. Para lhe conferir uma “certa” exclusividade de tratamento, quero dizer, para se referir a algo sem recorrer a alguma interferência que um objeto pode ter em outro (MOREIRA, 2010).

Nos Estados Unidos, existem três megalópoles bem constituídas. Uma na costa leste, conhecida como Megalópole do Nordeste, Megalópole Boston-Washington, ou simplesmente BosWash; outra no Meio-Oeste, denominada a Megalópole dos Grandes Lagos, ou ChiPitts (Chicago-Pittsburgh); e uma terceira megalópole localizada na costa oeste, conurbação desde San Diego, ao sul, até São Francisco, ao norte, sendo conhecida como San-San, pois os extremos da megalópole são cidades com nomes de santos (RYKWERT, 2004).

A maior concentração urbana do mundo, no Japão, também possui seu nome: Taiheiyō Belt (Taiheiyō beruto, literalmente “Cinturão do Pacífico”) em japonês, Tokaido Corridor em inglês (CHOE, 1995). No Brasil, pode-se citar como exemplo a Região Metropolitana do Cariri, no Estado do Ceará, anteriormente denominada Crajubar, somatória das iniciais dos nomes das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha (QUEIROZ, 2014). Dar nomes às localidades é algo natural na relação linguagem e realidade, o que facilita a comunicação e a identificação dos espaços, válido também para os aglomerados urbanos-regionais, objeto do presente estudo que objetiva apresentar uma proposta de nome para o arranjo urbano-regional nucleado por Goiânia, Anápolis e Brasília, tendo em vista a recente regionalização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias. Posteriormente, discutir-se-á a opção por utilizar essa nova regionalização.

O AGLOMERADO URBANO-REGIONAL GOIABRA

Com o intuito de nomear esse aglomerado urbano apresenta-se a proposta do acrônimo GoiABra, somatória das iniciais dos nomes das três principais cidades que compõem esse arranjo (Goiânia, Anápolis e Brasília). A justificativa da escolha desse acrônimo também será apresentada mais à frente. Para aqueles que, como no caso estadunidense, optam por trabalhar com as cidades nas extremidades de um eixo ou corredor, GoiaBra também os atende.

Na hierarquia das cidades brasileiras, de acordo com a Regic 2018, Brasília ocupa um patamar acima daquele ocupado por Goiânia. Enquanto, a capital federal é classificada como uma metrópole nacional (segundo nível), junto do Rio de Janeiro e, abaixo de São Paulo, a Grande Metrópole Nacional (primeiro nível), Goiânia é uma metrópole (terceiro nível). Poder-se-ia questionar que o nome sugerido para esse arranjo deveria começar como referência à Brasília e não por Goiânia. No entanto, essa questão não é difícil de ser resolvida. Como no caso, norte-americano de BosWash, a capital federal tem o nome ao final do acrônimo, enquanto, Nova York, que faz parte do arranjo, sequer empresta-lhe o nome. Outro ponto é que a maior parte do arranjo

GoiABra está localizada no Estado de Goiás. O próprio território, que hoje forma o Distrito Federal, já pertenceu a Goiás. Portanto, o início do acrônimo também pode ser considerado uma referência ao Estado de Goiás, que empresta a maior área e a maior quantidade de municípios para GoiABra. De acordo com a Regic 2018, Anápolis está classificada como Capital Regional B (quinto nível), no mesmo patamar de Porto Velho, capital estadual de Rondônia, e Palmas, capital estadual de Tocantins.

Para a composição do aglomerado urbano GoiABra foram considerados todos os municípios inseridos nas Regiões Geográficas Imediatas de Goiânia, de Anápolis, de Águas Lindas de Goiás, de Luziânia e do Distrito Federal, conforme descrito na Tabela 1.

Tabela 1 - Composição das Regiões formadoras do Aglomerado Urbano-Regional GoiABra

REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA	MUNICÍPIOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS
Goiânia	Abadia de Goiás, Aparecida de Goiânia, Aragoiânia, Bela Vista de Goiás, Bonfinópolis, Brazabrantes, Caldazinha, Caturai, Goiânia, Goianira, Guapó, Hidrolândia, Nerópolis, Nova Veneza, Santo Antônio de Goiás, Senador Canedo, Terezópolis de Goiás Trindade e Varjão.	19
Anápolis	Abadiânia, Alexânia, Anápolis, Campo Limpo de Goiás, Corumbá de Goiás, Gameleira de Goiás, Goianópolis, Jaraguá, Jesúpolis, Leopoldo de Bulhões, Ouro Verde de Goiás, Petrolina de Goiás, Pirenópolis, Santa Rosa de Goiás, São Francisco de Goiás, São Miguel do Passa-Quatro, Silvânia e Vianópolis.	18
Águas Lindas de Goiás	Águas Lindas de Goiás, Cabeceiras, Cocalzinho de Goiás, Formosa, Mimoso de Goiás, Padre Bernardo e Planaltina.	7
Luziânia	Cidade Ocidental, Cristalina, Luziânia, Novo Gama, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás.	6
Distrito Federal	Brasília	1

Total de 51 municípios compõe GoiABra.

Neste estudo, considerou-se Brasília como um município.

Fonte: Elaborada com dados do IBGE, 2017.

Pode-se perceber que todos os municípios que compõem a RMG estão presentes na Região Geográfica Imediata de Goiânia formada por 19 municípios, com exceção de Inhumas, que possui sua própria Região Geográfica Imediata (Inhumas-Itaberaí-Anicuns), de Santa Bárbara de Goiás (pertencente à Região Geográfica Imediata de Palmeiras de Goiás) e de Goianápolis (inserido na Região Geográfica Imediata de Anápolis). Fora da RMG, porém incluído na Região Geográfica Imediata de Goiânia, está o município de Varjão, cuja inclusão na RMG é conveniente, dada a sua relação com a Capital de Goiás, como se leva a concluir.

A Região Geográfica Imediata de Anápolis é composta de 18 municípios, sendo que Goianápolis também está vinculado à RMG. As Regiões Geográficas Imediatas de Águas Lindas de Goiás e de Luziânia são formadas por sete e seis municípios respectivamente, todos pertencentes à RIDE-DF e Entorno, à Periferia Metropolitana de Brasília (CODEPLAN, 2014) e à recém-criada Região Metropolitana do Entorno (GOIÁS, 2023). A Região Geográfica Imediata do Distrito Federal é formada pelo próprio Distrito Federal.

O Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF), antiga Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), adota a PMB para a realização de estudos técnicos e proposituras de ações e políticas governamentais. O IPEDF, por meio da Nota Técnica 001/2014, definiu a Área Metropolitana de Brasília (AMB) como composta pelo Distrito Federal e por mais nove municípios goianos limítrofes: Águas Lindas de Goiás, Cidade Ocidental, Cristalina, Formosa, Novo Gama, Padre Bernardo, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás. Além desses municípios contíguos ao Distrito Federal, incluem-se na AMB os municípios de Alexânia, Luziânia e Cocalzinho de Goiás, formando a Periferia Metropolitana de Brasília (PMB). Enquanto a Região Metropolitana do Entorno (RME) é formada pelos municípios de Águas Lindas de Goiás, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa,

Luziânia, Novo Gama, Padre Bernardo, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás.

Optou-se, neste trabalho, por utilizar as Regiões Geográficas Imediatas (divisões microrregionais), que somadas às Regiões Geográficas Intermediárias (divisões mesorregionais), constituem a última revisão da Divisão Regional do Brasil realizada pelo IBGE. Foi publicada no ano de 2017, para fins de divulgação da informação estatística, atualizando o quadro regional do país, justificada pelo expressivo aumento verificado na diferenciação interna do território brasileiro, como resultado das transformações econômicas, demográficas, políticas e ambientais ocorridas ao longo das últimas décadas. Na atual proposta técnica a divisão será periodicamente revisada, principal diferença entre essa nova divisão regional e os quadros anteriores (IBGE, 2017). Convém ressaltar que as configurações espaciais do arranjo urbano-regional GoiABra poderão alterar-se ao longo do tempo, já que o IBGE atualiza constantemente a divisão regional do país similar ao que ocorreria se se utilizassem outros critérios de regionalização, como a somatória da RMG, MRA e PMB, ou ainda, RMG, MRA e RIDE-DF e Entorno, pois tanto a RMG quanto a RIDE-DF e Entorno sofreram alterações em seus territórios, com a inclusão de novos municípios, desde a sua criação. Ainda de acordo com o IBGE (2017):

O recorte das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias de 2017 incorpora as mudanças ocorridas no Brasil ao longo das últimas três décadas. O processo socioespacial recente de fragmentação/ articulação do território brasileiro, em seus mais variados formatos, pode ser visualizado em vários estudos desenvolvidos no IBGE. O recurso metodológico utilizado na elaboração da presente Divisão Regional do Brasil valeu-se dos diferentes modelos territoriais oriundos de estudos pretéritos, articulando-os e interpretando a diversidade resultante. A região torna-se, por meio dessa opção, uma construção do conhecimento geográfico, delineada pela dinâmica dos processos de transformação ocorridos recentemente e operacionalizada a partir de elementos concretos (rede urbana, classificação hierárquica dos centros urbanos, detecção dos fluxos de gestão, entre outros), capazes de distinguir espaços regionais em escalas adequadas (IBGE, 2017, p. 19).

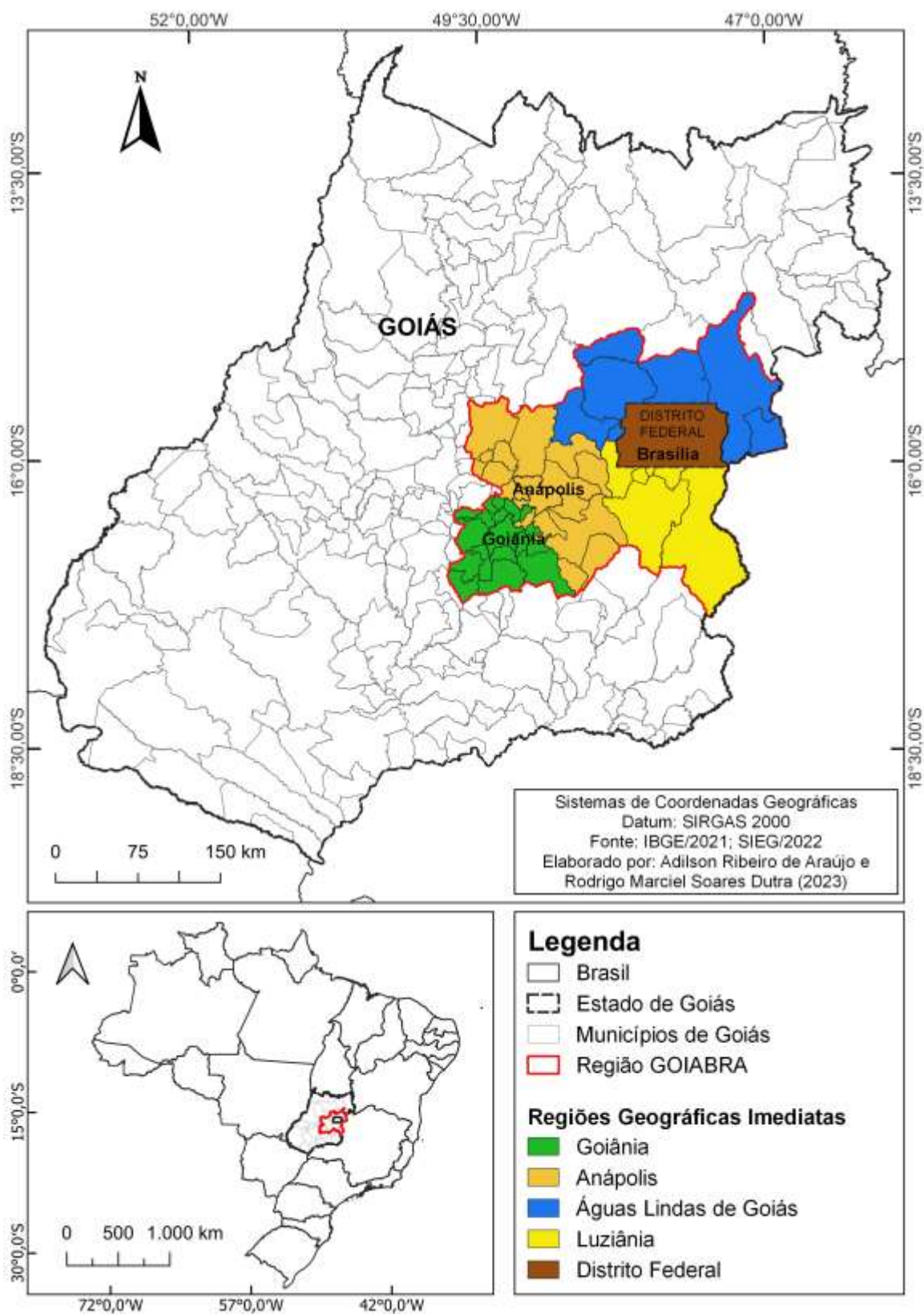
As Regiões Geográficas Imediatas têm na rede urbana o seu principal elemento de referência. Essas regiões são estruturas a partir de centros urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações, tais como: compras de bens de consumo duráveis e não duráveis; busca de trabalho; procura por serviços de saúde e educação; e prestação de serviços públicos, como postos de atendimento do Instituto Nacional do

No entanto, a atual divisão regional do IBGE ainda se encontra estruturada na rígida divisão política brasileira em unidades federativas. Portanto, não reflete as dinâmicas existentes nos aglomerados urbanos interestaduais, como é o caso do Distrito Federal e dos municípios goianos de seu entorno. Pode ser questionada a criação de uma Região Geográfica Imediata do Distrito Federal, contendo, apenas o próprio Distrito Federal, como se não houvesse intensa relação entre a capital federal e os municípios goianos de sua “área metropolitana”. Mesmo, assim, opta-se por utilizar as Regiões Geográficas Imediatas, que avançam no sentido das relações tecidas nas diversas redes urbanas, tomando o cuidado de somar as Regiões Geográficas Imediatas do Distrito Federal, de Águas Lindas de Goiás e de Luziânia, de forma a refletir a rede de cidades fortemente influenciadas por Brasília. Visto que esse aglomerado de municípios reflete melhor a força das relações entre a capital federal e sua “área metropolitana”, do que a própria RIDE-DF e Entorno, a qual, muitas vezes, representa unicamente interesses políticos, além de não ter conseguido atingir os objetivos traçados desde a sua implantação.

Decidiu-se utilizar, para a constituição do arranjo urbano-regional GoiABra, a Região Geográfica Imediata de Anápolis, e não a Microrregião de Anápolis, em virtude da atualização promovida pelo IBGE, de uma divisão regional em microrregiões e mesorregiões para Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias, respectivamente. O IBGE reconhece que:

[...] a diversidade produtiva do território brasileiro passa por transformações, que levam à necessidade de repensar a divisão regional para além do que já estava estabelecido, pois o formal não representa mais uma dinâmica real e novos espaços surgiram, com conectividades bem mais intensas que as anteriores. As regiões internas do território se conectam para além do que está formalmente estabelecido, criando novas regiões dinâmicas e que se identificam para além da linha imaginária imposta (HADDAD, 2019).

Mapa 1 – Área Territorial do Arranjo Urbano-Regional GoiABra



Fonte: Os autores, jan. 2023.

Assim, o arranjo urbano-regional GoiABra engloba as Regiões Imediatas de Goiânia, de Anápolis, de Águas Lindas de Goiás, de Luziânia e do Distrito Federal, conforme configuração espacial representada no Mapa 1, no qual estão destacados os três principais núcleos urbanos do arranjo urbano-regional: Brasília, Goiânia e Anápolis, ao qual este trabalho objetiva chamar de GoiABra. Neste sentido, Brasília e Goiânia, duas cidades projetadas, uma para ser a capital federal e a outra para ser uma capital estadual, são bons exemplos do papel decisivo da ação promotora do Estado na ocupação territorial. As duas capitais são as duas cidades mais importantes da Macrorregião Centro-Oeste do Brasil, formada pelos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e também pelo Distrito Federal. Segundo Steinberger (2003), estudo realizado pelo IPEA/IBGE/Nesur, no ano de 1999, revela a formação de uma rede denominada Centro-Norte, cujas duas capitais são determinantes em sua configuração:

[...] uma rede denominada Centro-Norte como uma nova forma de organização das cidades no Brasil, ou seja, uma estrutura que se está consolidando ancorada na região Centro-Oeste e se espalhando para a região Norte. Essa rede, que parte de Brasília e de Goiânia e dirige-se ao oeste, foi criada a partir dos anos 60, representando a projeção de sua área de influência sobre o território nacional, onde o principal eixo de conexão regional é a ligação Brasília-Anápolis-Goiânia-Rondonópolis-Cuiabá (STEINBERGER, 2003, p. 613).

MOTIVO PARA A DENOMINAÇÃO GOIABRA

Por que não Brasiânia? Ou GoiaSília? GoiABra é um acrônimo, que, além de começar com as iniciais das principais cidades do arranjo urbano-regional, remete ao fruto da goiabeira. A goiaba, por sua vez, foi domesticada há mais de 2.000 anos, existindo diferentes referências vinculadas à origem da espécie *Psidium guajava* (goiaba), contudo, vários pesquisadores têm defendido a origem americana da goiabeira em relação à origem asiática, a partir de áreas que compreendem os atuais territórios do México, da Colômbia, do Peru e do Brasil. Inclusive, existem relatos de que a goiabeira é nativa daqui, donde se difundiu para todas as regiões tropicais e subtropicais do mundo (COSER, 2012).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Florestas (IBF), a goiaba é uma espécie nativa do Cerrado (IBF, 2020), domínio morfoclimático, presente na área de estudo em

tela. No entanto, de acordo com Programa Reflora/CNPq¹, a goiabeira (*Psidium guajava*) é uma espécie exótica, que foi naturalizada e se tornou espontânea. Isso ocorreu porque se trata de uma espécie que se adapta bem a diferentes condições climáticas e regiões, desenvolvendo-se tanto em regiões tropicais como subtropicais, e está abundantemente distribuída e bem ajustada ao território brasileiro, inclusive no Cerrado (SILVA, 2020). Assim, diante dessas divergências, fato é que a goiabeira é típica das áreas de Cerrado, fazendo parte da cultura dos povos que habitam essa região.

O Distrito Federal tem 100% de sua área ocupada pelo Cerrado e o Estado de Goiás cerca de 97% (ARRUDA, 2001). Portanto, sugere-se o nome GoiABra em virtude da vinculação com o Cerrado e as suas dimensões naturais e culturais, já que a goiaba é comumente encontrada nesse ambiente, inclusive nos centros urbanos, e faz parte da dieta de seus habitantes:

De fato, os doces goianos têm num primeiro olhar a apresentação do foi “bem-feito”, sem nenhuma sofisticação. O caminho é pelo sabor, então começamos perceber o doce, o saboroso. Os doces goianos são encantadores, embora muitas vezes nem tanto divulgados, alguns ainda lembram até com saudosismo das marmeladas de Bonfim e Santa Luzia, os doces secos, as goiabadas da cidade de Goiás, difícil mesmo é resistir (SOUZA, 2006, p. 16).

Diferente da conhecida goiabada cascão, o doce de goiaba típico de Goiás é preparado em tachos de cobre, o que garante maior cremosidade e suavidade. Delicioso, o doce de goiaba goiano ganha sabor ainda mais marcante quando combinado com generosas fatias de queijo minas, em uma mistura que valoriza as características de cada prato (PACIULLO, s/d).

Eu fazia doces, e todos os doces açucarados. Vendia em caixinha: doces de laranja, doce de figo, doce de mamão maduro, de mamão verde, doce de goiaba no tempo, doce de caju no tempo, doce de banana no tempo, doce de mangaba no tempo e doce de cidra quando aparecia. Fora o doce de abóbora com coco e doce de batata com leite de coco Siriji e doce de leite também com coco ralado (DELGADO, 2002)².

No Quilombo Mesquita, em Cidade Ocidental, município goiano da Região Imediata de Luziânia, moradores dedicam-se à produção do doce de goiaba, que serve

¹ O Programa Reflora/CNPq, lançado em 2010 pelo governo brasileiro, tem como objetivo principal o resgate, através de imagens em alta resolução, de espécimes da flora brasileira depositados em herbários estrangeiros, para disposição ampla e irrestrita no Herbário Virtual Reflora.

² Depoimentos de Cora Coralina, Fase de Prospecção do Filme Cora Doce Coralina, cidade de Goiás, 1982. (DELGADO, 2002).

de sustento para suas famílias, e o excedente é vendido nas feiras de Cidade Ocidental, de Luziânia e do Plano Piloto, em Brasília (ANJOS, 2006). Para a autora, “O Mesquita possui tradições e identidade étnica que foram essenciais para a construção da cultura Goiana e, portanto Brasileira” (ANJOS, 2006, p. 17). Por seu turno, Silva (2020) cita os diversos usos medicinais da goiabeira, dos quais se destacam as cascas, empregadas no tratamento de diarreia em crianças; as folhas utilizadas para o alívio de tosse, distúrbios pulmonares, feridas e úlceras; e o fruto usado como tônico, laxante e anti-helmíntico.

Além da *Psidium guajava*, outras espécies nativas do Cerrado produzem frutos que carregam o nome popular de goiaba, de acordo com as regiões onde ocorrem. A cerejinha-do-cerrado, pitanguinha-do-cerrado ou goiaba-do-cerrado (*Eugenia calycina*) (BARROS, et al.) e o araçá, em suas diversas espécies, conhecido também como goiabinha ou araçá-amarelo (*Psidium guineense*), goiabinha ou goiabinha-do-cerrado (*Psidium cinereum* e *Psidium firmum*), de goiaba-do-campo (*Psidium bergianum* (Nied.) Burret) e até goiaba-da-praia (*Psidium riparium* Mart. ex DC) (FRANZON et al., 2009).

O atual estágio de degradação ambiental do Cerrado atingiu níveis alarmantes tanto que a perda da cobertura original nos três estados com maior área contínua do bioma Mato Grosso, Minas Gerais e Goiás supera ou está próxima de superar a metade da área original. No Estado de Goiás, a supressão vegetal do bioma chega a 65,5% da área total, somando 215.845 hectares, o que representa, em números absolutos, a maior perda de área do bioma por unidade da federação (DUTRA; SOUZA, 2019). Cabe ressaltar, que os povos do Cerrado também são vítimas da apropriação destruidora desse ambiente e têm sofrido um verdadeiro processo de desterritorialização e genocídio (OLIVEIRA, 2021). Destarte, compreende-se que desenvolver o sentimento de pertencimento a esse bioma-território é necessidade urgente, assim, sugere-se o nome GoiABra para a região ocupada pelo arranjo urbano-regional Goiânia-Anápolis-Brasília, por trazer referências naturais e culturais em relação ao Cerrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Arranjo Urbano-Regional nucleado pelas cidades de Brasília, Goiânia e Anápolis é um dos principais vetores de desenvolvimento do Brasil, sobretudo, quando se

considera o interior do país, já que a maioria da população e, por consequência, os grandes e mais dinâmicos centros urbanos estão localizados no litoral brasileiro. Esta região é chamada de Eixo ou Arranjo Urbano-Regional seguido dos nomes das cidades. Compreende-se que o conceito de arranjo urbano-regional seja mais adequado para classificar os espaços formados por estas aglomerações urbanas. Em resumo, os arranjos urbanos-regionais são unidades concentradoras de população, com relevância econômico-social e infraestrutura científico-tecnológica, com elevada densidade urbana, forte articulação regional e extrema complexidade.

O objetivo foi nomear essa região formada pelas áreas de influência de Brasília, Goiânia e Anápolis, visto que a nomeação se configura como uma das questões centrais quando o assunto é a relação entre linguagem e realidade. Considerando exemplos de nomes dados aos arranjos urbanos estadunidenses, escolheu-se o acrônimo, a partir das iniciais dos nomes das cidades para se propor o termo GoiABra, como substantivo próprio para denominar o Arranjo Urbano-Regional Goiânia-Anápolis-Brasília. Para formar GoiABra utilizou-se, de acordo com a Nova Divisão Regional do IBGE (2017), as Regiões Geográficas Imediatas de Goiânia, de Anápolis, de Águas Lindas de Goiás, de Luziânia e do Distrito Federal. Adotou-se essa regionalização, pois tem, na rede urbana, o seu principal elemento de referência, Cabe sublinhar que essas regiões são estruturas a partir de centros urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações.

O nome GoiABra carrega forte relação com o Cerrado, domínio morfoclimático onde está inserido o Arranjo Urbano-Regional, ora estudado. Interessante notar que há divergência dos autores quanto à origem da goiabeira. Em face da polêmica, não se pode afirmar que a espécie seja nativa do Cerrado ou mesmo do Brasil. Porém, tem-se a certeza de tratar-se de uma planta típica e espontânea nas regiões de Cerrado, faz parte da cultura gastronômica e da medicina popular de seus habitantes. Inclusive, presente nos centros urbanos. Outras espécies, nativas do Cerrado, identicamente recebem o nome vulgar de goiaba ou goiabinha, como a pitanguinha-do-cerrado e o araçá.

O Cerrado encontra-se como um dos biomas mais ameaçados do mundo, situação que o coloca na posição da hotspot da biodiversidade planetária (DUTRA;

SOUZA, 2019). Portanto, desenvolver o sentimento de pertencimento em seus habitantes mostra-se como uma condição necessária para se repensar a sua conservação e, por extensão, o seu futuro.

REFERÊNCIAS

ANJOS, S. G. **Culturas e Tradições Negras no Mesquita**: Um estudo da matrifocalidade numa comunidade remanescente de quilombo. Brasília: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, 2005. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/185256882.pdf>> Acesso em: 29 set. 2022.

ARAÚJO, T. B. et al.. Política Nacional de Desenvolvimento Regional: Uma proposta para discussão. In: LIMONAD, E.; HAESBAERT, R.; MOREIRA, R. **Brasil, Século XXI – Por uma nova regionalização?** Processos, escalas, agentes. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

ARRUDA, M. B. **Ecosistemas brasileiros**. Brasília: Edições Ibama, 2001.

BARROS, A. P. et al. Produção de muda de espécies nativas do Cerrado. In: SEMEX, 7., 2011. Campo Grande. **Anais Eletrônicos...** Campo Grande: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2011. Disponível em: <<https://anaisonline.uems.br/index.php/semex/article/view/197>> Acesso em: 29 set. 2022.

BORBA, O. F.; MILAGRES, G. F.; BARREIRA, C. C. M. A. Anápolis/GO e suas interfaces com a região urbana do eixo Goiânia/GO-Brasília/DF. In: EGAL – ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 14., 2013, Lima. **Anais Eletrônicos...** Lima: Colegio de Geógrafos del Perú (CGP), 2013. Disponível em: <<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/060.pdf>> Acesso em: 26 set. 2022.

BRASIL. **Programa Reflora/CNPq**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://reflora.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do>> Acesso em: 29 set. 2022.

CHOE, S.-C. Urban corridors in Pacific Asia. **Journal of Environmental Studies**, v. 33, p. 1-20, 1995. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/10371/90550>> Acesso em: 27 set. 2022.

CODEPLAN. **Nota Técnica 001/2014**: Delimitação do Espaço Metropolitano de Brasília (Área Metropolitana de Brasília). Brasília: Codeplan, 2014. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/NT-No-01-2014-Delimitação-do-Espaço-Metropolitando-de-Brasília-Área-Metropolitanda-de-Brasília.pdf>> Acesso em: 26 set. 2022.

COSER, S. M. **Diversidade em *Psidium guajava* L. por caracteres morfológicos, moleculares e citogenéticos**. 2012. 74f. Dissertação (Mestrado em Produção Vegetal) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Espírito Santo, Alegre, 2012.

Disponível em:

<<https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/6635/1/Sara%20Coser%20Morra.pdf>> Acesso em: 26 set. 2022.

DELGADO, A. F. Cora Coralina: a poética do sabor. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 4, n. 1, p. 59-83, janeiro 2002. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/17023/15577>> Acesso em: 29 set. 2022.

DIAS, S. S.; CAMPOS, N. L. O. A relevância de Anápolis-GO no contexto do eixo Goiânia-Anápolis-Brasília. **ENG – ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS**, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: AGB, 2010.

DUTRA, R. M. S.; SOUZA, M. M. O. **Cerrado Goiano: agrotóxicos e agroextrativismo**.

Goiânia: Editora do IFG, 2019. Disponível em:

<<https://editora.ifg.edu.br/editoraifg/catalog/view/39/22/127-3>> Acesso em: 26 set. 2022.

FERNANDEZ, F. N. Desenvolvimento econômico no território do Eixo Brasília-Anápolis-Goiânia. **RDE**, v. 3, n. 35, p. 808-834, dezembro 2016. Disponível em:

<<https://core.ac.uk/download/pdf/234554119.pdf>> Acesso em 27 set. 2022.

FRANÇA, K. C. B.; LEITE, S. S. C. A Dinâmica Regional do Município de Alexânia - GO. In: **EGAL – ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA**, 14., 2009, Montevideo. **Anais Eletrônicos...** Montevideo: Universidad de la República, 2009. Disponível em:

<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaregional/14.pdf>> Acesso em: 26 set. 2022.

FRANZON, R. C.; CAMPOS, L. Z. O.; PROENÇA, C. E. B.; SOUSA-SILVA, J. C. **Araçás do gênero *Psidium*: principais espécies, ocorrência, descrição e usos**. Embrapa Cerrados: Planaltina - DF, 2009. Disponível em:

<<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/697560/1/doc266.pdf>> Acesso em: 29 set. 2022.

GOIÁS. **Lei Complementar nº 139, de 22 de janeiro de 2018**. Dispõe sobre a Região Metropolitana de Goiânia, o Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Goiânia, cria o Instituto de Planejamento Metropolitano e dá outras providências. Goiânia: Secretaria de Estado da Casa Civil, [2018]. Disponível em:

<<https://legisla.casacivil.go.gov.br/api/v2/pesquisa/legislacoes/101126/pdf>> Acesso em: 26 set. 2022.

GOIÁS. Lei Complementar nº 181, de 4 de janeiro de 2023. Cria a Região Metropolitana do Entorno do Distrito Federal - RME e o Conselho de Desenvolvimento da Região

Metropolitana do Entorno do Distrito Federal - Coderme. **Diário Oficial do Estado de Goiás**, n. 23954, 2023. Disponível em:

<<https://diariooficial.abc.go.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/5471/#/p:1/e:5471>>

Acesso em: 8 fev. 2023.

GOMES, M. A.; VALVA, M. D. Habitar o território: A espacialização do eixo Goiânia-Anápolis-Brasília. In: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG, 4., 2017, Pirenópolis. **Anais Eletrônicos...** Pirenópolis: UEG, 2017. Disponível em:

<<https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/download/10637/7859>> Acesso em: 26 set. 2022.

HADDAD, M. B. As regiões goianas sob o aspecto da nova divisão geográfica do IBGE: o formal, o real, o imediato e o intermediário. **Revista de Economia Regional, Urbana e do Trabalho**, v. 8, n. 1, p. 101-122, 2019. Disponível em:

<<https://periodicos.ufrn.br/rerut/article/view/20460/12693>> Acesso em: 27 set. 2022.

HADDAD, M. B. Estruturação, interrupção e retomada dos investimentos federais para o desenvolvimento do Eixo Goiânia-Anápolis-Brasília. In: GOMES, M. T. S.; MATUSHIMA, M. K. **Contribuições do estudo da dinâmica econômica e desenvolvimento regional**. Uberaba: Editora EDUFTM, 2020.

HADDAD, M. B.; MOURA, R. **Dinâmicas da expansão do arranjo urbano-regional Brasília-Anápolis-Goiânia**. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

IBF. Árvores nativas do cerrado: lista completa de espécies! **Blog do IBF**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.ibflorestas.org.br/conteudo/arvores-nativas-do-cerrado>> Acesso em: 26 set. 2022.

IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>> Acesso em: 26 set. 2022.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades – Regic 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101729.pdf>> Acesso em: 28 set. 2022.

LUZ, J. S. O Eixo Goiânia-Anápolis-Brasília. In: EGAL – ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 3., 2005, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em:

<<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Ordenamientoterritorial/26.pdf>> Acesso em: 26 set. 2022.

MOREIRA, T. A. S. O Ato de Nomear – Da construção de categorias de gênero até a abjeção. In: CNLF – CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 14., 2010, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro,

2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_4/2914-2926.pdf> Acesso em: 26 set. 2022.

MOURA, R. **Arranjos Urbanos-Regionais no Brasil: Uma análise com foco em Curitiba**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <https://www.ipardes.pr.gov.br/sites/ipardes/arquivos_restritos/files/documento/2019-09/rosa_moura_tese_2009.pdf> Acesso em: 22 set. 2022.

MOURA, R. A dimensão urbano-regional na metropolização contemporânea. **EURE – Revista Latino-Americana de Estudios Urbanos Regionales**, v. 38, n. 115, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.cl/pdf/eure/v38n115/art01.pdf>> Acesso em: 28 set. 2022.

MOURA, R; HADDAD, M. B. O arranjo urbano-regional Brasília-Anápolis-Goiânia. **Biblio 3W – Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 20, n. 1.119, p. 1-31, 2015. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1119.pdf>> Acesso em: 27 set. 2022.

OLIVEIRA, M. R. D. de. Necroterritórios: territorialização e desterritorialização dos povos indígenas como estratégias necropolíticas. **MARGENS - Revista Interdisciplinar**. (Dossiê Margens, Poder e Insurgência na América Latina), v. 14, n. 24, p. 103-122, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/10051/7565>> Acesso em: 27 set. 2022.

PACIULLO, F. 6 pratos deliciosos da culinária goiana. **Todos os Destinos**. Disponível em: <<https://todosdestinos.com/centro-oeste/goias/6-pratos-deliciosos-da-culinaria-goiana/>> Acesso em: 26 set. 2022.

QUEIROZ, I. S. Região Metropolitana do Cariri Cearense, a metrópole fora do eixo. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v. 13, n. 3, p. 93-104, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2736/273632905008.pdf>> Acesso em: 27 set. 2022.

RYKWERT, J. **The seduction of place: the history and future of the city**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SILVA, E. A. J. **Composição química e atividade antifúngica do óleo essencial das folhas de *Psidium guajava* no controle de *Sclerotinia sclerotiorum***. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Agronomia) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Goiano, Rio Verde, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/893/4/tcc_Elizabeth%20Aparecida%20Josefi%20da%20Silva.pdf> Acesso em: 29 set. 2022.

SOBRINHO, F. L. A.; SOARES, B. R. Turismo e transformações espaciais no Eixo Brasília-Goiânia/Brasil. **Observatorium – Revista Eletrônica de Geografia**, v. 4, n. 11, p. 101-122,

2012. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1119.pdf>> Acesso em: 27 set. 2022.

SOUZA, N. B. **Doçura do Estado de Goiás**: Um vetor de identidade e seu potencial turístico. Monografia (Especialização para Professores e Pesquisadores de Turismo e Hospitalidade) – Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/266/3/2006_NairBarbosaSousa_OK.pdf> Acesso em: 29 set. 2022.

STEIBERGER, M. O significado da Região Centro-Oeste na espacialidade do desenvolvimento brasileiro: uma análise geopolítica. In: GONÇALVES, C. A. B.; GALVÃO, A. C. F. **Regiões e cidades, cidades nas regiões**: o desafio urbano-regional. São Paulo: Editora Unesp: Anpur, 2003.

Rodrigo Marciel Soares Dutra - Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Tecnólogo em Química Industrial pelo antigo CEFET-GO, atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Atualmente, é Técnico em Assuntos Educacionais do IFG, Campus Senador Canedo. Atuou como professor da Educação Básica na rede pública do Distrito Federal.

Adilson Ribeiro de Araújo - Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Especialista em Gestão e Manejo Ambiental pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciado em Geografia pelo Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). Atualmente, é professor da Educação Básica na rede pública do estado do Mato Grosso.

Murilo Mendonça Oliveira de Souza - Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Licenciado em Geografia pela Faculdade Católica de Uberlândia. Bacharel em Medicina Veterinária pela UFU. Professor do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina. Pesquisador do Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo (GWATÁ) e do Grupo de Trabalho em Agrotóxicos e Transgênicos da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA).

Recebido para publicação em 13 de fevereiro de 2023.

Aceito para publicação em 03 de abril de 2023.

Publicado em 01 de maio de 2023.